

A SANTA E A OUTRA:
TERESA DE ÁVILA E CLARICE LISPECTOR

*Dany Al-Behy Kanaan**

Alma, buscar-te-ás em Mim,
a Mim, buscar-me-ás em ti.

.....
*Porque és o meu aposento,
és minha casa e morada,
e assim chamo em qualquer tempo,
se acho no teu pensamento
estar a porta fechada.*

Teresa de Ávila

*Eu, que entendo o corpo. E suas
cruéis exigências. Sempre conheci o
corpo. O seu vórtice estonteante.
O corpo grave.*

Clarice Lispector

Quando pensei este trabalho, não imaginava o rumo que acabou por tomar. Na verdade, parodiando – mais uma vez – Clarice Lispector na introdução de um livro seu, ele me “pediu uma liberdade maior que tive” de dar. Ele poderia se restringir à última parte, ‘Diálogo de carmelitas’, mas a tentação foi maior. Acabei pecando, por excesso, talvez, mesmo quando este pode ser traduzido por ‘omissão’. Este texto acabou se tornando um ‘ensaio’ (sem orquestra) no qual procuro pontuar alguns elementos marcantes e semelhantes na vida da ‘santa’ e da ‘outra’; a interpretação fica por conta do interlocutor eventual. “O que resta é ler, distraidamente...”

* Psicólogo clínico. Mestrando do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP.

Clarice Lispector, desde pequena, teve os livros por paixão. Paixão, às vezes, dispersa, disfarçada sob a forma de conto. Como na história da menina que viveu dias na iminência de ter nas mãos *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato; momento sempre adiado pelo “sadismo” da colega, filha do dono de uma livraria no Recife que, prometendo emprestar-lhe, alega, continuamente, tê-lo emprestado a uma outra colega. “Até que um dia (...), estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa...”, a mãe da perversa e “sardenta” criatura descobre a trama. Acaba-se o martírio, *As reinações* chegam, por tempo indeterminado, à paciente espectadora da crueldade que lhe era diariamente infligida.

Encantada, a protagonista cria um verdadeiro ritual em torno do livro, como ler apenas uma página por dia, para não terminar logo. “Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade”. Acrescentando em seguida: “A felicidade sempre iria ser clandestina para mim”. ‘Felicidade clandestina’ é também o nome desta história.

Este episódio também aparece sob a forma de um relato de Clarice, no qual confessa que *As reinações de Narizinho* foi a obra que mais a encantou, até pelas dificuldades em consegui-la, a título de empréstimo, junto a uma livraria (do Recife, onde morava, poder-se-ia acrescentar, sem susto; e, de fato, mais tarde, em *A descoberta do mundo*, ela confirmaria a veracidade do fato).

Neste momento vida e obra se misturam, ficção e realidade, Autor e obra. Mas isto não é tudo. Conta Clarice:

Em menina jamais imaginei que livro fosse feito por alguém. Nunca me havia passado pela cabeça que livro tivesse autor. Pensava que era coisa que a gente não perguntava: “Quem fez?” Devia ser uma coisa assim como a pedra ou a flor. Existia, simplesmente. Quando descobri que alguém fazia os livros... eu também quis.

Este fato marcará o início da via-crúcis daquela que seria a representante maior do gênero literário ‘introspectivo’ na literatura brasileira.

Aos sete anos, com a descoberta de que os livros eram escritos por autores, passa a enviar histórias para o *Diário da Tarde*, na esperança de vê-las publicadas; isto nunca ocorreu. Aos nove anos, escreve uma peça de três atos, escondendo-a durante certo tempo atrás de um armário, com medo de que alguém descobrisse; mais tarde, queimou-a: “era uma história de amor”.

Seu projeto de ser autora só é realizado mais tarde, aos 17 anos, com a publicação, pela editora A Noite, da história de Joana, protagonista de *Perto do coração selvagem*. Escrito em ‘dois atos’ (infância e maturidade de Joana),

parece recuperar a peça destruída; e como esta, não deixa de ser “uma história de amor”.

“Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.”

Clarice nunca mais encontrou dificuldades para publicar suas histórias.

Além da herança do nome (nome da bisavó paterna e avó materna), Teresa herda dos pais o gosto pelos livros. Livros que contam histórias de santos, como aquelas contadas pelo pai, à noite, à cabeceira dos filhos; histórias de cavaleiros medievais, como a do “belo e moreno Amadis de Gaula”, herói que habitava os sonhos da mãe, que, à revelia do pai, lia para os filhos às escondidas.

Contemplava, o pai, o céu com suas leituras sagradas; a mãe contemplava um mundo de aventuras arrepiantes e sedutoras, cheias de perigos e conflitos de amor.

Arrebatada pelas histórias ouvidas, pelo desejo dos pais, inscrito naqueles livros em que passa a ser um personagem, um capítulo, uma página... Teresa, aos sete anos, empreende uma fuga, acompanhada do irmão mais novo, Rodrigo – com quem, conta-se, escreveu na infância um romance de cavalaria –, para “imitar a vida dos santos” (aqueles do pai) e dos cavaleiros (aqueles da mãe). (Cf. Figueiredo, 1992) Foi sua primeira tentativa de fuga, ‘por amor’, frustrada pela interferência, casual, de um tio; aos dez anos, Teresa deseja ser freira e servir a Deus, ‘por amor’, ao Pai, mas o pai se oporá. “Oh! Pai, por que me abandonastes?”; aos 14 anos, cortejada e admirada, deseja agradecer ao mundo, da mãe, já falecida, na ‘flor da idade’, por amor, é certo.

Este fascínio pelos livros que povoou a infância de Teresa com promessas de felicidade, aos 15 anos, converte-se em ataques, repletos de dor: promessa de uma felicidade eterna, compreenderá mais tarde. Os livros não são mais fuga para um mundo mágico de aventuras, são um meio de apaziguar as dores lancinantes: são livros sagrados, como o *Terceiro abecedário*, que “ensinava a oração de recolhimento”, presente de um tio paterno; o mesmo tio que a presenteou com o livro de São Jerônimo, com descrições dos castigos reservados aos pecadores, como Teresa julgava ser.

Se na infância os livros são um vício que desviam Teresa do “caminho da perfeição”, posteriormente são eles que a restituirão ao mesmo caminho, não deixando-a “cair em tentação”, livrando-a “de todo o mal”.

Mais tarde, escreve sua autobiografia, confessa seus pecados, aconselha... e escapa de ser queimada pela Inquisição. “Seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu.” O livro falava de amor. Do amor de Deus. De seu amor por Deus. Um amor que ‘abalaria’ a Igreja, e o mundo.

“Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante”. Perdão! Uma santa com o seu Amado. “Para sempre”.

“Que me perdoem...”

Em *A mulher que matou os peixes*, livro ‘infantil’ seu de 1969, já na primeira página, primeira linha, Clarice confessa: “Essa mulher que matou os peixes infelizmente sou eu”. A história toda, a partir daí, consiste em ‘provar sua inocência’, por meio de depoimentos-histórias de como gosta de bichos, daqueles que já possuiu, possui etc.

O objetivo destas histórias paralelas é também adiar o relato do ‘assassinato’: “Não tenho coragem ainda de contar agora mesmo como aconteceu”. No entanto, a autora (do livro e do ‘crime’) promete, até o final de seu relato, contar como tudo ocorreu, deixando claro, desde o início, sua inocência: “Mas juro a vocês que foi sem querer”.

Esta forma de relato não é exclusiva deste livro; toda a obra da autora segue, mais ou menos explicitamente, esta linha. Descreve-se os personagens, o espaço físico, psicológico e seus tormentos, os ‘crimes’ cometidos em suas jornadas diárias, e pela descrição-confissão exaustiva das ações e emoções pretende-se, ao final, uma absolvição, um perdão, a ‘redenção’. Cada livro seu é a descrição de uma via-crúcis; em todos, o mesmo desejo: repousar, enfim.

As vozes que compõem os relatos de Clarice são múltiplas, mas ecoam uma única voz: a sua. Os personagens entoam, em uníssono, esta voz única, emitida em tom cortante, agravado por um problema, ‘confesso’, de língua presa, resultando numa pronúncia característica do ‘erre’ (r), e que denuncia sua origem judaica. Um ‘detalhe’ na longa ‘cadeia de sentido’ que é sua obra – e sua vida –, em que cada peça é fundamental, insubstituível, imprescindível.

Todos os livros de Clarice têm fortes marcas autobiográficas, comprovadas por seus depoimentos pessoais. Não chega a espantar, assim, que seu discurso literário tenha muito do gênero autobiográfico, privilegiando tudo aquilo respeitante ao cotidiano e à forma de vivê-lo.

O gênero autobiográfico mescla-se com outro gênero, com o qual ecoa: o confessional. Apesar da mescla, traduzindo a impossibilidade de separação dos gêneros, é a via do confessional que traduz melhor a obra clariceana. A voz que desta emana é lamuriosa, o discurso ‘queixoso’, a escrita veículo de uma demanda. Como o é o discurso amoroso. Sim, há um pedido transparente na péssima caligrafia, resultado de uma mão contorcida pelas chamas de um incêndio

'acidental' provocado por um cigarro aceso. Mas se este corpo abriga uma alma contorcida, por que não haveria de sê-lo, também, contorcido? "O corpo é a sombra de minha alma" ... Outro 'detalhe' nesta 'cadeia de sentido'.

A voz arrastando erres, a mão queimada: episódios da Paixão. Clamores de uma alma atormentada. E para os sofrimentos da alma, a confissão: "Mas ju-ro a vocês..."

Confessar é, sobretudo, 'declarar-se', 'reconhecer-se', no caso de Clarice. (Cf. *Dicionário Aurélio*) Na confissão há o exercício de uma consciência individual, em que o sujeito é único, insubstituível. (Delumeau, 1991) No momento da confissão, o sujeito não depara-se apenas com uma falta (real ou imaginária, religiosa ou psicanalítica), mas com sua história, com dados desta sua história, percorrendo um trajeto de auto(re)conhecimento.

Recordar seus 'pecados', declará-los a um outro, envolver-se com seu próprio relato é "refinar a consciência", interiorizar-se: "Não tem pessoas que cosem para fora? Eu coso para dentro", explica Clarice. Semelhantemente ao processo psicanalítico, aponta Delumeau, ao afirmar que a confissão católica possibilita um tipo de conhecimento similar àquele em Freud e Sócrates.

Mas confessar exige todo um ritual, como no episódio literário-autobiográfico de Clarice Lispector. Este ritual é parte do que garante a eficácia da confissão: dá-se voltas, justifica-se, pede-se compreensão, da parte do confitente; mostra-se paciente, carinhoso, inquiridor, compreensivo, da parte do confessor. "Escrevo com amor e atenção e ternura e dor e pesquisa, e queria de volta, como mínimo, uma atenção e um interesse." 'Dar voltas' é também uma maneira de interiorizar-se... e arrepende-se, o perdão podendo ser alcançado com o fato apenas do arrependimento, da 'dor', 'pesquisa' pessoal. "E como precisamos de perdão. Porque a própria vida já vem mesclada ao erro."

No caso de Clarice, qual o 'pecado' a ser confessado e para o qual busca perdão? Não há pecado, não há perdão. Escrever para Clarice é um modo de subjetivação. Os livros testemunham este processo. Escrevendo ela se conhece, se reconhece e se faz conhecer. "Estou lendo bastante, estou procurando através do livros chegar a uma conclusão sobre as coisas que me parecem tão confusas como nunca." Por meio dos livros ela instaura interlocutores, aqueles para os quais pede perdão, pede compreensão. Sejam eles os críticos literários, amigos, leitores. Todos alvos de uma demanda que os ultrapassa.

Clarice quer, de fato, compreensão, 'perdão'. "Meu futuro é a noite escura e eterna. Mas vibrando em elétrons, prótons, nêutrons, mésons - e para mais não sei, porém, que é no perdão que eu me acho". Quer ser amada. Mas o seu único interlocutor é, na verdade, a linguagem, é ela mesma: é Deus. "Só escrevo

quando a coisa vem. (...) Inspiração não é loucura. É Deus.” O Deus que a encontra feliz, “... andando pelo mundo sem pedir nada, sem precisar de nada, amando de puro amor inocente...” e põe-lhe um rato morto no caminho, este animal parte de seus medos mais primordiais. Clarice, a princípio, toma este gesto de Deus como insulto, quer vingança. Compreende, depois, ser este gesto uma das provações de Deus, que quer saber sobre a autenticidade de seu amor: “... pensava que, somando as compreensões eu amava. Não sabia que, somando as incompreensões é que se ama verdadeiramente”. Clarice submete-se à Paixão: “Enquanto eu inventar Deus, Ele não existe”, e segue seu caminho, ‘perdoando Deus’, ‘descobririndo o mundo’, de amor difícil.

É, também, para Deus que endereça *Um sopro de vida*, seu último, último livro – concluído às vésperas de sua morte, por ela denominado de “malogrado, afoito e brincalhão livro de vida” – e, com ele, sua alma.

“Não ler o que escrevo como se fosse um leitor. A menos que esse leitor trabalhasse, ele também, nos solilóquios do escuro irracional. (...) Que a paz esteja entre nós, entre vós e entre mim. Estou caindo no discurso? que me perdoem os fiéis do templo, eu escrevo e assim me livro de mim e posso então descansar.” Assim seja!

“Eu te absolvo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Vá em Paz.”

“... por minha culpa, minha máxima culpa...”

A conselho do prior Pedro Ibáñez, Teresa escreve seu livro (da) *Vida*, ‘endereçoado à Inquisição’, como defesa contra acusações de bruxaria. A *Vida* de Teresa livra-a de ser queimada. Sua confissão alcança a absolvição e é recomendada como “leitura de fé e edificação”.

Acontece que Teresa, “isto era segredo dela, também tinha seus caprichos”. Seu relato na *Vida*, todo intercalado com auto-acusações e pedidos de perdão, endereçava-se a quem? Aos inquisidores? A seus acusadores? Aos fiéis? O único interlocutor de Teresa, seu único absolvidor é Deus. Teresa de Ávila, ávida por confessar-se, não acredita no julgamento, e absolvição, dos homens, que não sabem ouvir-lhe a demanda. Absolviam-na dos pecados, considerados ‘veniais’. Mas ela falava de ‘faltas’. E sua falta era enorme.

Teresa pede, pede... e a falta continua... sem perdão. Teresa sofre. Encontra alívio provisório nos livros de oração e, mais tarde, nas confissões com “... um padre dominicano, virtuoso e temente a Deus (...). Porque me confessei com ele e se empenhou em fazer bem à minha alma, demonstrando-me a perdição

em que vivia”. Teresa rejubila-se. Sua ‘falta’ é ouvida. “Fazia-me comungar de quinze em quinze dias (...). Levava vida penosíssima, porque durante a oração compreendia minhas faltas”. Agradecida, ora.

‘Orar’ é pedir, suplicar, rogar (cf. *Dicionário Aurélio*), “... durante a oração compreendia minhas faltas”. Conhecia(-se), reconhecia-se, pode-se acrescentar.

A jornada era longa, a via-crúcis... Assim, o perdão só poderia ser alcançado com muitas voltas, às duras penas, com muitas quedas. “Teresinha de Jesus, de uma queda foi ao chão”. Como Cristo, o eleito do Pai.

Em sua Paixão pelo Pai, um dia, com os pés sangrando pelas pedras pontiagudas do árido caminho, um empurrão de Deus faz Teresa “cair de cara no chão”. Deus então fala: “É assim que trato meus amigos”. Teresa sabe que este ato de Deus é mais uma das tantas provações necessárias. Provações cada vez maiores, quanto maior a proximidade do ‘fim do caminho’; do calvário, caso se queira; ou da descoberta de si, morada do Criador. Teresa responde: “Ah! Meu Senhor, é por isto que tendes tão poucos”. (Cf. Suassuna, 1973; e Senra, 1983)

“Muitos são os chamados e poucos os escolhidos”, poderia retrucar Deus. Mas não era preciso: “Quero padecer, Senhor, pois Vós padecestes; cumpra-se em mim a Vossa vontade de todas as maneiras”. Teresa levanta-se. A mesma mão que a fez cair, ajuda-a a levantar-se. Prossegue seu ‘caminho de perfeição’.

De mim, sei dizer que se o Senhor não me descobrisse essa verdade e não me concedesse meios para tratar constantemente com pessoas que usam de oração, eu caindo e me levantando acabaria dando de cara com o inferno. Porque para cair tinha muitos amigos que me ajudassem; mas para levantar-me via-me tão só que agora me espanto ao ver que nem sempre estava por terra e louvo a misericórdia de Deus, pois só Ele me estendia a mão.

A oração é o meio para se alcançar Deus. E Deus habita muito além do céu: Deus habita a alma de Teresa. E dos fiéis? Assim, a oração é uma forma de interiorização, de interiorizar-se, de autoconhecimento. Do Verdadeiro conhecimento. Teresa se reconhece pecadora, má, infiel... arrependida, submissa, eleita de Deus. “Somos tão parcos e tardos em nos entregarmos de todo a Deus que, como Sua Majestade não quer que gozemos de coisa tão preciosa sem ser por alto preço, jamais nos acabamos de preparar.”

Conhecer(-se), reconhecer(-se) exige muitas quedas, provações, desconfianças... A jornada é longa. O fim, uma ilusão. O importante é o ‘trajeto’: de

(auto)conhecimento, de subjetivação. É a Paixão. “No começo do conhecimento há sempre uma desconfiança e no fim há sempre uma decepção”. (Cf. Figueireto, 1991; p. 29) Teresa concorda: “De mim é que desconfiava muitas vezes”. Clarice reitera: “Minha aparência me engana”.

Se a jornada de Teresa tem um fim, este é parcial, manifesto com o fim do corpo. A jornada da alma, esta jamais termina. A morte do corpo é para Teresa o encontro da alma com Deus. Da sua alma.

Teresa, no leito de morte, reúne suas freiras e diz: “Pelo amor de Deus, rogo-vos que tenhais grande cuidado no conservar a Regra e Constituições e não presteis atenção ao mau exemplo que esta mísera monja vos tem dado e perdoai-me por isso”. Em seguida, vira-se para Deus e diz: “Oh! Meu Senhor, a hora há tanto almejada chegou afinal, e minha alma rejubila-se por abrigar-se em Vós, para sempre.” (Cf. Fülöp-Miller, 1990; p. 378) Amém!

Teresa recupera, neste momento, seu sonho de menina, de fugir com o irmão rumo às terras mouras, para morrer como mártir, como nas histórias de santos que lia, “pelo amor de Deus”.

“Seja feita a Vossa vontade”.

A santa e a outra: corpo e alma da escritura

Há um conceito que traduz com pertinência as obras de Clarice Lispector e santa Teresa. Trata-se do conceito de ‘conversão’. Ainda mais se, para além do sentido estritamente religioso, for entendido “... para falar de todos os fenômenos de ‘torção’ que podiam ocorrer tanto no campo das crenças (religiosas, políticas, científicas) como no das práticas e situações existenciais dos indivíduos e grupos”. (Cf. Figueiredo, 1992; p. 41) As conversões podem ser entendidas, ainda, como experiências que abalam os indivíduos nos planos físico, moral e psicológico, podendo ser desejadas ou não por eles, controladas ou não. De qualquer forma, são experiências que exigem dos indivíduos todo um trabalho a fim de reconduzi-los a um certo ‘equilíbrio’, trabalho de restituição de um lugar no qual possam se reconhecer.

A cronologia biográfica de Clarice Lispector, se confrontada com a bibliográfica, é exemplar destas conversões.

Aos 17 anos, Clarice publica *Perto do coração selvagem*; no ano seguinte, casa-se com um diplomata de carreira; torna-se mãe. A carreira diplomática do marido entra em conflito com seus planos literários: queixa-se das mudanças (conversões) freqüentes de país, da variedade de línguas (vozes) a dominar, do

excesso de compromissos, jantares, visitas de cortesia intermináveis etc. A escritura, como a oração, exigia recolhimento, dedicação, entrega. “Tudo o que (...) escrevo é forjado no meu silêncio e penumbra. Vejo pouco, ouço quase nada. Mergulho enfim em mim até o nascedouro do espírito que me habita.” Clarice não resiste a tantos chamados; a saudade da família, dos amigos, de seu país se tornam prementes. Termina seu casamento. Como havia terminado o da personagem Joana, de *Perto do coração selvagem*.

Destas ‘conversões’, nasce *Laços de família*. Nele fala dos laços aprisionantes do amor, fala do ódio, da renúncia (submissão), da liberdade (e da loucura), da infância, da maternidade... da rotina.

A este livro, segue-se *A legião estrangeira*, *A maçã no escuro* e *A paixão segundo G.H.* Neste, conta a história de G.H., uma mulher sozinha, ‘distraída’, que defronta-se, ao acaso, num fim de semana, no quarto de empregada de seu apartamento, onde nunca ia, com o mais primitivo de seu ser: uma barata. Assim começa a Paixão. Deus, desde o título, já é presença nesta ‘obra’ de Clarice.

‘Distraída’, fumando antes de dormir, Clarice ‘cai no sono’ (em tentação, poder-se-ia pensar). Acorda com a cama em chamas. “Pai, onde estás que não responde?” “Deus não deve ser pensado jamais senão Ele foge ou eu fujo.” Passa três dias em estado grave (de graça? sou tentado a pensar) no hospital. Deus não aceita distrações, cochilos.

Recuperada, nunca mais foi a mesma. Esta ‘queda’ parece ser determinante em sua conversão. “E desta queda é que começo a fazer minha vida”. As chamas do incêndio purificam seu corpo. Deus almejava sua alma. As chamas (deste amor) alvejam seu coração, bem no meio do peito. “Lispector: flor-de-lis no peito”, explica ela; símbolo da iluminação (Clarice, de Clara: brilhante, luzente, monja fundadora da ordem das clarissas) e atributo do Senhor; flor que simboliza o abandono místico às graças de Deus, à vontade de Deus – “Sou um objeto querido por Deus. E isso me faz nascerem flores no peito. (...) Lírios brancos encostados à nudez do peito. (...) ... junto ao calor de meu corpo as pétalas dos lírios crestariam” –, à Providência: “Olhai os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham nem fiam”. Clarice entrega-se, ‘abandonada’.

A partir do episódio do incêndio, Deus é Presença constante em sua obra: escreve *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, *A imitação da rosa*, *Água viva*, *A via crucis do corpo*, *De corpo inteiro*, *Visão do esplendor*, *A hora da estrela... Um sopro de vida...* O fim da Paixão?

No ano anterior a sua morte, participa, como convidada oficial, do Congresso Mundial de Bruxaria, em Bogotá, Colômbia. De novo as chamas? Clarice

limita sua participação à leitura de seu conto 'O ovo e a galinha'. A alma já fora purificada.

As conversões nunca abandonaram Clarice.

Tudo aquilo para o qual não encontrava resposta, ou necessitava refletir, ou buscava conhecer, convertia em escritura: "Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador". Em Verbo. O que não conseguia expressar por meio da escrita, convertia em dor, angústia, insônia, em chamas. Em Carne.

A escritura clariceana, como a de santa Teresa, é típica da escrita feminina: o corpo ocupa lugar privilegiado, o discurso é 'queixoso', autobiográfico, é sintoma. A escrita feminina (e não da mulher), não havendo nada de pejorativo nisto, é histórica, uterina. Semelhante ao 'discurso' místico, "... busca uma fala amorosa, uma adoração exaustiva de alguma coisa que, de tão íntima, de tão singular (...) não cabe em palavras": Deus. (Cf. Castelo Branco, 1991; p. 71) Mas não se pode calar. Então, repete-se. Entoa sempre a mesma melodia: a falta. Ecoa sempre uma busca, uma desilusão: "Quanto ao ato de escrever, digo – se interessa a alguém – que estou desiludida. É que escrever não trouxe o que eu queria, isto é, a paz"; uma insistência: "... todas as vezes que fui tentada a deixar de escrever, não consegui. Não tenho vocação para o suicídio"; mas nunca uma realização: "Não, eu não sei por que escrevo".

Os livros sempre acenaram para Clarice com a possibilidade de, em não podendo calar esta falta (e nem querendo, pois isto seria a morte), dar-lhe voz. O livro acenava, para ela, como um dos lugares no qual esta voz poderia ser expressa, e ouvida. "Está me faltando um aviso, um sinal. Virá como intuição? Virá ao abrir um livro?" A palavra procura burlar a falta. A palavra de Deus. O Verbo. Assim, quem sabe, poderia encontrar o 'perdão', ou melhor dizendo, a 'cura': "... eu escrevo e assim *me livro* de mim". (Grifo meu.)

Se na vida, e obra, de Clarice Lispector as conversões foram muitas, não menos o foram na vida de santa Teresa.

"Teresa passou por várias conversões; defrontou-se pessoalmente com a dispersão do catolicismo na figura de confessores e mentores díspares e mutuamente contraditórios; esteve sob a suspeita da Inquisição, foi denunciada, marginalizada; escreveu uma autobiografia..." (Cf. Figueiredo, 1992; pp. 70-71)

Aos sete anos, Teresa desejou uma morte de mártir; aos dez, queria ser freira e servir a Deus; aos 14 anos, cortejada e admirada, quis servir ao mundo,

atraída pelos *caballeros*. Teresa não resiste ao fruto ‘proibido’; não a maçã, mas a exótica, e rara na Espanha da época, laranja. Teresa morde o fruto, a cor laranja brilha nos seus olhos, nos seus lábios, ilumina seus vestidos.

Cafda em tentação, em pecado, aos 15 anos tem seu primeiro ataque, de uma longa série. A cor laranja, pressente, deve ser também a das chamas do inferno. Recuperada, Teresa quer ir para o convento, onde o pai a ‘internara’, contra a sua vontade, após a morte da mãe e casamento da irmã. O pai se opõe. Teresa foge, desta vez com um outro irmão. O pai consegue resgatar o filho, mas o chamado do Pai fora mais forte, a filha já não lhe pertencia mais.

No convento, Teresa reza, pede e tem suas primeiras visões de Cristo. As paredes do convento, no entanto, não são suficientes para abafar as vozes do mundo. E o mundo quer o corpo esbelto de Teresa. Ela vacila.

No parlatório do convento, as visitas eram muitas, propiciavam a dispersão: “Pai, afasta de mim este cálice”. Teresa recebe, não mais no pátio da casa do pai, mas no parlatório. Anseia pelas visitas do primo que lhe cortejava. Sente prazer em agradar, em ser admirada. Dia após dia, descia as escadas que separavam sua cela do parlatório. Pouco a pouco, as escadas se transformaram em ‘quedas’: Cristo no céu, digo, cela e o primo no parlatório. Teresa “Tornarase presa da vaidade das palavras”. ‘Distraía-se’. O mundo a chamava, o amado a esperava no parlatório.

Um dia, nas conversas com o primo, Teresa fica “grandemente atônita e perturbada”. O Amado, na sua distração, a havia seguido e a encarava, “... severo e grave, dando (...) a entender o que na [sua] conduta O ofendia”. Entre dois amores, não sabe o que fazer. Ao fim da hora de visita, Teresa estava “no espaço vazio, rígida e imóvel”. A percepção de que o convento ainda estava aberto ao mundo faz ressurgir nela o medo do inferno. Voltam-lhe as dúvidas, as dores. Sofre outro ataque.

Recuperada, ainda cobiça as coisas do mundo; mas a voz do Amado ecoa forte: “Não quero que converses com homens, mas com anjos!” A oração, como a escritura, exigia recolhimento, dedicação, entrega. Presa na cela, longe do mundo, descobre-se livre. Teresa obedece, submissa. Converte-se definitivamente, não tem mais olhos para as coisas mundanas. “A clausura garante a privacidade de uma experiência que é da ordem da intimidade inviolável”. (Cf. Figueiredo, 1992; p. 75) “Minha resolução de abandonar tudo por causa d’Ele tornou-se inabalável”, diz ela. Fim da paixão! Começa a via-crúcis.

Os padres desconfiam das visões de Teresa, tiram-lhe os livros de oração: “... o Senhor apareceu e disse: ‘Não te aflijas, minha filha. Dar-te-ei um livro vivo’. Contrariados, os padres proibem-lhe a oração espiritual: “Então o

Senhor apareceu de novo e disse num colérico tom de voz: 'Isto é por certo tirania' ”.

Alvarez, encarregado do caso de Teresa, após estes episódios, convencido da legitimidade das visões, converte-se em testemunha: “Seja feita a Vossa vontade”.

No entanto, a conversão de Teresa, a conversão de Alvarez, não foram suficientes. Ávila, agora, convertera-se no algoz de Teresa... e Alvarez. Desesperada, Teresa chora: “Pai, onde estás que não responde?” O Senhor lhe aparece e diz: “Não tenhas medo minha filha. Eu não te abandonarei”.

Mas as calúnias continuam. Deus, então, cumpre Sua promessa: “Farei que a verdade seja entendida!” Assim seja!

A conselho de Ibáñez, Teresa escreve sua *Vida*. “Apertava o pergaminho de encontro ao peito e escrevia folha após folha, noite após noite”, comenta ela. As mãos ‘crispadas’ pela doença (incêndio?), pelas chamas da Paixão. Apenas um dedo a segurar ‘a pena’. O livro é recomendado como leitura de fé e edificação. “Eu não te abandonarei”. Teresa abandona-se aos braços do Amado... Por pouco tempo.

Dos ‘inquisidores’, recebe a missão de fundar novos conventos, de acordo com a ‘regra primitiva’. Teresa obedece. Tira os sapatos, deixa a alma descalça. E assim caminha para Deus. Os sapatos para Teresa eram símbolo da conversa com o mundo, da mundaneidade. Descalça, serve-se melhor a Deus, a devoção é maior. “A minha alma está quebrantada pelo Teu desejo.”

Apesar de ter sido monja durante longos anos, a conversão definitiva de Teresa só “... ocorreu associada e como resultado de episódios místicos em que Teresa se sentia em comunicação direta com Jesus. Havia diferentes níveis de comunicação e foi aos poucos que a comunicação se tornou mais completa e perfeita. A conversão lhe trouxe muita alegria e muita aflição”. (Cf. Figueiredo, 1992; p. 73)

Mas a aflição (e as doenças) cessa quando percebe que tudo não passava de provações. Era o Senhor a chamá-la. E o Senhor a queria pura, por isto seu corpo teria que ser purgado de todas as contaminações do mundo. Só então estaria pronto a receber uma alma pura. “Este é o meu corpo que é dado por Vós”. Os sofrimentos são pré-requisitos para se alcançar Deus. Do mesmo modo que só na “escuridão é que se dá a santidade”, e a escritura; “coser para dentro”?

Teresa conhece-se, reconhece-se, e “... o autoconhecimento só se completa com o conhecimento de Deus”. Daí a “... vontade da união perfeita, de absoluta paz, de alegria ilimitada que só se satisfaz no amor de Deus”. (Cf. *ibid.*; p. 76)

Clarice Lispector não conheceu santa Teresa, mas sabia "... que a melhor parte de si mesma está em outro lugar". (Cf. *ibid.*) "O meu coração está em Deus". Ambas testemunham esta falta, esta busca. São alvos de uma mesma subjetividade, da mesma Paixão. Seguem a mesma via-crúcis ao encontro de Deus. "A via crucis não é um descaminho, é a passagem única, não se chega senão através dela e com ela. A insistência é o nosso esforço, a desistência é o prêmio", ensina Clarice.

Quando Teresa funda seu último convento, uma hemorragia dos pulmões a obriga descansar. Aproveita o tempo para pensar no 'passo' seguinte. Para Deus, porém, sua via-crúcis terminara. A voz do Senhor interrompe-lhe os pensamentos: "Em que pensas? Isto aqui está concluído. *Bien te puedes ir.*" Mais uma vez, obediente, Teresa vai. "Para sempre".

Desde o começo os livros haviam desempenhado na vida de Teresa o papel de marcos indicadores, na sua peregrinação para Deus. Um livro mostrara à moça, mergulhada nos prazeres da vida, o caminho para o convento. Um livro conduziu a freira, enredada nos gestos da devoção formal, para a estrada da contemplação. Um livro revelou à paciente, dominada pela dor, a estrada salvadora do padecimento que Jó havia palmilhado. E agora, iria ser de novo um livro que a guiaria. Por acaso deu com as *Confissões* de S. Agostinho e lendo-as, pensou, como o exprimiu mais tarde, que se estava vendo a si própria. Este santo que havia vagado e andado sem norte, ao longo de seu caminho para Deus, e que, contudo, havia atingido o seu alvo, revelou a Teresa a estrada de seu destino." (Cf. Fülöp-Miller, 1990; p. 334)

Diálogo de carmelitas

Clarice Lispector (C.L.): Teresa, quando você me visitou no hospital, viu-me enfaixada e imobilizada. Hoje você me veria mais imobilizada ainda. Hoje sou a paraplégica e a muda.

Santa Teresa (S.T.): Com efeito, nada há de comum entre a origem dos prazeres da terra e dos contentamentos divinos. (...) é como se uns atingissem a superfície grosseira do corpo e os outros chegassem até a medula dos ossos.

C.L.: A vida sempre superexigiu de mim.

S.T.: A vida terrena é estar sempre triste.

C.L.: Ter nascido me estragou a saúde.

S.T.: A vida é longa e as penas nela se encontram em grande número.

C.L.: Oh Deus, eu já fui muito ferida.

S.T.: Nunca acabamos de fazer a Deus o dom absoluto de nós mesmos.

C.L.: Eu estou sempre incompleta.

S.T.: Toda falta está em nós... Não imaginamos que todo nosso interior é vazio...

C.L.: Que é que eu faço? Não estou agüentando viver. A vida é tão curta, e eu não estou agüentando viver.

S.T.: Ah! Como tudo o que fazemos é nada!

C.L.: Eu não creio em nada. E contraditoriamente creio em tudo.

S.T.: Não é pequena lástima e confusão não nos entendermos a nós mesmos, por nossa culpa, nem sabermos quem somos.

C.L.: Talvez este tenha sido o meu maior esforço na vida: para compreender minha não inteligência fui obrigada a me tornar inteligente.

S.T.: Pois o Senhor não me deu talento de discorrer com inteligência nem fazer uso da imaginação que tenho por demais rude.

C.L.: Depois que descobri em mim mesma como é que se pensa, nunca mais pude acreditar no pensamento dos outros.

S.T.: ... é muito bom, sumamente bom entrar primeiro no aposento do conhecimento próprio, antes de voar aos outros.

C.L.: Penso e sei que vou ao encontro do que existe dentro de mim, vou a esse encontro nua e descalça e com as mãos vazias, à mercê de mim mesma.

S.T.: Há dentro de nós alguma coisa incomparavelmente mais preciosa que o que vemos fora pelos sentidos.

C.L.: Deve-se ter contacto com o Desconhecido sem uma palavra, nem sequer palavra apenas mental, assim como um mudo 'fala' com a intensidade do olhar.

- S.T.: Recolhida dentro de si mesma, pode-se meditar na paixão, reproduzir mentalmente a imagem do Filho de Deus e oferecê-lo ao Pai celeste...
- C.L.: Quando eu fico sem nenhuma palavra no pensamento e sem imagem visual interna – eu chamo isso de meditar. O silêncio é tal que nem o pensamento pensa.
- S.T.: O corpo fica despedaçado, incapaz de mover os pés e os braços (...). Nem o peito pode respirar à vontade.
- C.L.: ... come-lhe o fogo, e o fogo doce arde, arde, flameja.
- S.T.: Quem é que teme a morte do corpo, se com ela alcança um imenso gozo?
- C.L.: Morrer deve ser como uma muda explosão interna. O corpo não agüenta mais ser corpo.
- S.T.: Oh morte benigna, socorre meus males! Teus golpes são doces, libertam minha alma.
- C.L.: Era assim que eu queria morrer: perfumando de amor. Morta e exalando a alma viva.
- S.T.: E, que melhor companhia podeis encontrar que a do mesmo Jesus?!...
- C.L.: O clímax de minha vida será a morte. Diariamente morro por vosso perfume.
- S.T.: A minha alma aflita geme e desfalece.
- C.L.: ... nada começa e nada termina! Mas eu morro.
- S.T.: Por que não evocar (...) os gostos e as delícias que resultam desta renúncia, tudo o que aí ganha desde esta vida?
- C.L.: Que o Deus venha: por favor. Mesmo que eu não mereça. Estou cansada.
- S.T.: Mas não Dono amado: que é justo eu padeça: que expie meus erros, minha culpa imensa.
- C.L.: Passei minha vida tentando corrigir os erros que cometi na minha ânsia de acertar. Ao tentar corrigir um erro, eu cometia outro. Sou uma culpada inocente.
- S.T.: Essas pessoas não se entendem a si mesmas.
- C.L.: Mas é que o erro das pessoas inteligentes é tão mais grave: elas têm os argumentos que provam.
- S.T.: Eu me exprimo mal. Se eu estivesse a par das propriedades das coisas, conseguiria melhor explicar-me.
- C.L.: Acho que sim.
- S.T.: Ai, que longa é esta vida!, que duro estes desterrros!
- C.L.: Não sei o que fazer de mim, já nascida, senão isto. Tu, Deus, que eu amo como quem cai no nada.

- S.T.: Não sei como queremos viver, pois tudo é tão incerto.
- C.L.: Eu tenho medo de ser quem sou.
- S.T.: Sua Majestade quer e é amigo de almas animosas, contanto que andem com humildade e pouca confiança em si.
- C.L.: Minha aparência me engana.
- S.T.: De mim é que desconfiava muitas vezes.
- C.L.: Mas sei de uma coisa: meu caminho não sou eu, é outro, é os outros. Quando eu puder sentir plenamente o outro estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada.
- S.T.: A nós, o Senhor só pede duas coisas: que o amemos e que amemos nosso próximo.
- C.L.: O que acontece é que a gente procura os outros para se livrar de si mesma.
- S.T.: Por que não queremos nós mesmos?
- C.L.: Psicologicamente parece-me que fui muito condicionada. Preciso dos outros para não chegar àquele ponto altamente intolerável do encontro comigo. Eu sou exatamente: zero. Mas sou livre: minha liberdade é escrever.
- S.T.: ... escrevo com liberdade. De outra maneira sentiria grandes escrúpulos, afora no que diz respeito ao contar meus pecados, que para isto nenhum tenho.
- C.L.: Já estou com preguiça de mim. Eu, podendo não escrever, não escrevia.
- S.T.: Escrevendo por obediência sobre a contemplação, não tenho outra intenção que a de atrair as almas...
- C.L.: Eu me refugiei em escrever.
- S.T.: Se eu fosse pessoa que tivesse autoridade de escrever, de bom grado me estenderia, dizendo por miúdo as mercês que fez este glorioso Santo, a mim e a outras pessoas.
- C.L.: Eu não escrevo para a posteridade. (...) há mais sentimento que palavras. Ao que se sente não há modo de dizer. Pode-se misteriosamente aludi-los.
- S.T.: Quero me declarar melhor, pois creio que me meto em muitas coisas. Sempre tive esta falta (...): não me sei dar a entender senão à custa de muitas palavras.
- C.L.: Se eu pudesse escrever por intermédio de desenhar na madeira ou de alisar uma cabeça de menino ou de passear pelo campo, jamais teria entrado pelo caminho da palavra.
- S.T.: ... por que me mandaram escrever? Escrevam os teólogos. Eles estudaram, ao passo que eu sou uma ignorante. Deixem-me, por amor de Deus

fiar na minha roca, ir ao meu coro, cumprir a Regra como os demais. Eu não nasci para escrever, não tenho saúde nem inteligência para isso.

C.L.: Ah viver é tão desconfortável. Tudo apertada: o corpo exige, o espírito não pára, viver parece ter sono e não poder dormir – viver é incômodo. Não se pode andar nu nem de corpo nem de espírito. Estou com tanta saudade de Deus. E agora vou morrer um pouquinho. Estou tão precisada.

S.T.: Oh, valha-me Deus, que vida esta tão miserável! Não há nela contentamento seguro nem coisa sem mudança. Ai, que vida tão amarga, sem se gozar o Senhor. Quero morrendo alcançá-lo, pois só dele é meu querer: que morro por não morrer.

C.L.: ...

S.T.: ...

Bibliografia citada e consultada

ÁVILA, Teresa de (1984). *Vida de santa Teresa de Jesus escrita por ela própria*. Trad. Rachel de Queiroz. São Paulo, Loyola.

_____ (1989). *Seta de fogo*. Trad., prólogo e notas de José Bento. Lisboa, Assírio & Alvim. (Gato Maltês, 23)

BORELLI, Olga (1981). *Clarice Lispector, esboço para um possível retrato*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

CASTELO BRANCO, Lúcia (1991). *O que é escrita feminina*. São Paulo, Brasiliense. (Primeiros Passos, 251)

DELUMEAU, Jean (1991). *A confissão e o perdão*. São Paulo, Companhia das Letras.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio (1991). *Psicologia, uma introdução*. São Paulo, Educ. (Série Trilhas)

_____ (1992). *A invenção do psicológico. Quatro séculos de subjetivação (1500-1900)*. São Paulo, Escuta-Educ. (Linhas de Fuga)

FÜLLÖP-MILLER, René (1990). *Os santos que abalaram o mundo*. 9ª ed., 2ª reimpressão. Rio de Janeiro, José Olympio.

LISPECTOR, Clarice (1978). *Um sopro de vida (pulsações)*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

_____ (1979). *Para não esquecer*. 2ª ed. São Paulo, Ática.

_____ (1981). *Felicidade clandestina*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

- _____ (1983). *A mulher que matou os peixes*. 6ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- _____ (1984). *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- SANTA MARIA MADALENA, Frei Gabriel de (1986). *Santa Teresa de Jesus, mestra de vida espiritual*. São Paulo, Paulinas. (Série Espiritualidade)
- SEMANA DE SANTA TERESA (1973). *Semana de Santa Teresa*. Recife, Instituto de Letras, Universidade Federal de Pernambuco.
- SENRA, Ângela (1983). *Santa Teresa de Ávila. Caminho de perdição*. São Paulo, Brasiliense. (Encanto Radical, 29)
- SUASSUNA, Ariano (1973). Santa Teresa e eu. In: *Semana de Santa Teresa*. Op. cit. pp. 53-74.
- WALDMAN, Berta (1983). *Clarice Lispector. A paixão segundo C.L.* São Paulo, Brasiliense. (Encanto Radical, 33)